

O ANALISTA JUNGUIANO COMO ARTISTA : UM PONTO DE VISTA

Rose Mary Kerr de Barros¹

RESUMO: Alma (psique) é imagem conforme Jung. Portanto, o trabalho da psicoterapia é cuidar da imagem, fazer imagem. Nosso ponto de partida é o fato de que para trabalhar com a alma, para a alma, pela alma, precisamos lançar mão de uma perspectiva artística. Artistas são “fazedores” de alma na medida em que transformam as imagens em obras de arte. Em qualquer linguagem artística, encontramos a alma presente. O artista, utilizando-se de sua forma de expressão, torna a alma real, palpável, visível. Existe profunda relação entre arte e ciência o que nos leva a reconhecer que o trabalho com o ponto de vista artístico não exclui a necessidade de fazer ciência na análise. Arte é uma forma de entendimento intuitivo do mundo, tanto para o artista que cria obras concretas e singulares quanto para o apreciador que se entrega a elas para penetrar-lhes o sentido. Jung compreende todo o processo psíquico como uma imagem e um imaginar. Em psicoterapia a psique pode ser cuidada da mesma forma como construímos obras de arte. Sonhos, fantasias podem ser entendidas como semelhantes a poemas. Jung pressupõe uma base poética para a psique. A abordagem do sonho, da imagem, do sintoma, da psique necessita de uma atitude artística do analista para que este possa realizar seu trabalho.

Palavras-chave: psicologia analítica, imagem, arte, psicoterapia

¹ Instituto Junguiano do Rio Grande do Sul – Programa de Formação de Analistas

1 INTRODUÇÃO

Iniciamos com uma provocação: o que define a psicologia? Psicologia é o logos da psique, portanto o estudo da alma. .O opus da psicologia é a criação da alma. (Hillman, 1984, p. 28) A psicoterapia - atendimento da psique - tem como objetivo fazer alma, criar alma, cultivar alma, cuidar da alma. Alma (psique) é imagem conforme Jung. Portanto,o trabalho da psicoterapia é cuidar da imagem, fazer imagem. Nosso ponto de partida é o fato de que para trabalhar com a alma, para a alma, pela alma, precisamos lançar mão de uma perspectiva artística. Artistas são “fazedores” de alma na medida em que transformam as imagens em obras de arte. Em qualquer linguagem artística, encontramos a alma presente. O artista, utilizando-se de sua forma de expressão, torna a alma real, palpável, visível.

Sob este prisma, desejamos fazer um exercício de imaginação para visualizar o analista junguiano como um artista. Esta é a lógica que pretendemos subverter. De forma tradicional nosso olhar recai sobre a obra produzida pelo paciente submetido à análise. Busca sempre observar o material resultante da expressão do processo do analisando para dar forma a um conteúdo particular de sua experiência. Este é o ponto de vista que embasa o pensamento dos autores da psicologia analítica. Não somos treinados para buscar o artístico no trabalho do analista. Buscando referenciais para a elaboração do artigo, não encontramos textos que abordassem a perspectiva artística como premissa para a prática analítica. E, no entanto, nosso trabalho diário enfatiza a necessidade inovarmos a cada atendimento realizado porque cada paciente é único e tem sua própria linguagem.

Quando pensamos em psicologia analítica e arte, observamos que muito tem sido escrito sobre a relação entre os dois temas. Um grande número de textos principalmente de arteterapia tem se utilizado do referencial junguiano. Muitas disciplinas, tais como terapia ocupacional, psiquiatria, etc. tem utilizado o pensamento de Jung como base conceitual para sua prática. Apesar de Jung ter escrito muito pouco sobre arte, como afirma Barcellos (2004),sendo o volume menos explorado pelos pensadores junguianos, justamente “ O Espírito na arte e na ciência”, que é o de menor tamanho de toda a obra, ele afirma que a psique tem um

caráter essencialmente criativo, o que diferencia a psicologia junguiana de outras abordagens terapêuticas.

Na vida de Jung encontramos uma grande produção artística.. O trabalho realizado com seus pacientes em análise, o Livro Vermelho, a construção da Torre em Bollingen, suas pinturas e principalmente a sua escrita tem grande valor artístico. Jung trabalhou com a alma durante toda a sua vida, literalmente, com a de seus pacientes mas nunca excluído da produção como indivíduo, transformando cada evento em obra de arte .

Hillman (1984, p. 21) alerta que aqueles que trabalham com psicologia são vistos como pertencentes à família das artes da cura, uma vez que nossa psicologia nasceu em gabinetes médicos. Dessa forma, a psicologia moderna tem sido considerada um ramo da medicina, o que pode tornar estranho pensar na análise como um processo de criação artística. Embora o mito pessoal de cada analista influencie na prática terapêutica , uma vez que o estilo individual determine o modelo de cada um, como um profissional que trabalha com a alma, a prática médica é apenas uma das variantes do trabalho, não podendo de maneira alguma determinar o modelo universal.

Para Plaza (1998), observa-se na comparação entre a criação científica e artística que na origem do ato criador o cientista não se diferencia do artista, apenas trabalham materiais diferentes do Universo. Porém, o arbítrio da criação artística é visível na obra acabada, enquanto é eliminado na criação científica em função da necessidade de verificação lógica durante a formulação. Da mesma forma a obra artística é mais independente que a científica e polissêmica , com maior abertura que a científica. Na obra científica busca-se o resultado certo ou enormemente provável.

Bohm (2011) afirma que existe profunda relação entre arte e ciência o que nos leva a reconhecer que o trabalho com o ponto de vista artístico não exclui a necessidade de fazer ciência na análise. Ciência e arte não se excluem mas convivem obrigatoriamente no trabalho analítico. Sem a arte, a análise não tem alma, fica sem imagem. Embora utilizando-nos do modelo clínico, científico, desenvolvemos um trabalho artístico com cada paciente em análise na medida em que nossa alma precisa estar presente no trabalho sob risco que ele não se realizar.

2. ARTE

Etimologicamente, a palavra estética vem do grego *aisthesis*, com a significado de “faculdade de sentir”, “compreensão pelos sentidos”. O objeto artístico é aquele que se oferece ao sentimento e á percepção. Assim, enquanto disciplina filosófica, a estética tem se voltado para as teorias de criação e percepção artísticas. (Aranha,2000)

Em filosofia, conforme Aranha (2000), arte é uma forma de entendimento intuitivo do mundo, tanto para o artista que cria obras concretas e singulares quanto para o apreciador que se entrega a elas para penetrar-lhes o sentido. Podemos distinguir atualmente três funções principais para a arte:

- a) Função pragmática ou utilitária - a arte serve ou é útil para se alcançar um fim não-artístico, não é valorizada por si mesma mas como um meio para se alcançar outra finalidade. Por exemplo, na Idade Média com a população dos feudos analfabeta a arte tinha como finalidade ensinar preceitos da religião católica. Podem haver finalidades pedagógicas, religiosas, políticas ou sociais.
- b) Função naturalista – a obra é encarada com um espelho e deve refletir a realidade. Essa função foi importante até meados do século XIX, quando surgiu a fotografia. Os critérios para avaliar uma obra de arte deste ponto de vista eram: correção, inteireza e vigor. Esta função especialmente na pintura precisou ser repensada.
- c) Função formalista – preocupa-se com a forma de apresentação da obra. Há nessa função uma valorização da experiência estética como momento em que , pela percepção e pela intuição, temos uma consciência intensificada do mundo.

O significado na arte pode ser definido didaticamente em forma e conteúdo. Na prática, essa divisão não existe, pois ao fazê-la estaríamos destruindo e experiência estética e a Gestalt da obra.

Para Jung (2009,) a obra de arte deve ser considerada uma realização criativa, do mesmo modo que uma planta não é um simples produto do solo ,mas um processo em si, vivo e criador, cuja essência nada tem a ver com as características do solo.

Ao atribuir finalidades para a psicologia da obra de arte, Jung afirma existirem duas possibilidades para sua origem: um gênero introvertido e um extrovertido.O introvertido caracteriza-se pela afirmativa do sujeito e suas intenções e finalidades conscientes em oposição às solicitações do objeto, em contrapartida, o extrovertido é caracterizado pela subordinação do sujeito às solicitações do objeto. Num dos casos trata-se de uma produção intencional, acompanhada e conduzida pelo consciente , construída com discernimento , enquanto outra sendo de natureza inconsciente se impõe sem a participação da consciência humana, e as vezes até mesmo contra ela , teimando em impor sua forma e conteúdo. Para Jung um mesmo artista pode apresentar atitudes diferentes em momentos diversos e nem sempre poderemos discernir qual a atitude que gerou a obra.

Na arte, assim como na alquimia, a psique é projetada sobre a matéria. O trabalho dos alquimistas era muito concreto, acontecia em laboratórios e era ao mesmo tempo, um exercício de pensamento e meditação. Assim, afirmamos que a arte dá forma a alma , na medida em que concretiza o impulso criador.

Fernando Pessoa nos mostra uma imagem sobre o artista:

O artista é a forma mais alta

Do homem superior.

O santo é do tipo dos Anjos,

Cujo mister é crer;

O sábio é do tipo dos Arcanjos,

Cujo mister é compreender;

O artista, porém,

É do tipo dos Deuses, cujo mister é criar.

A arte é do ponto de vista junguiano, um tipo de instinto inato que se apodera do homem, fazendo dele seu instrumento, mas enquanto artista ele é , no mais alto sentido “homem” – ele é um “homem coletivo”, um veículo e um modelador da vida psíquica inconsciente da humanidade (Jung, 2009).Uma obra de arte é, conforme Barcellos (2004) um *complexio oppositorum*, pois ela faz com que todas as polaridades opostas que entram em jogo coexistam num produto que as combina, e

ao mesmo tempo as transcende. Nessa perspectiva , revelam-se como tentativas do artista em integrar a visão dada por sua personalidade.

Para Hillman (1979), a via “*aesthetica*” seria entendida como “viver psicologicamente”, na medida em que *aisthesis* tem o significado de despertar, inspirar. Este movimento que a arte nos provoca. Na arte o que nos toca, através da estética, nos faz inspirar e com isso trazer o mundo para dentro. A experiência estética nos traz um impacto que nos faz respirar fundo, como um golpe.

3. IMAGEM, IMAGINÁRIO, ALMA

Estamos falando de imagem, imaginário, alma e precisamos esclarecer que abordagem estamos usando ao falar sobre este tema. .

Definir imagem tem sido uma tarefa difícil. Vários teóricos como Henri Corbain, Gaston Bachelard tem contribuído para o desenvolvimento do trabalho com imagem e imaginário. Mas o trabalho junguiano orientado pelas imagens tem procurado despertar o sentido de alma nos pacientes. Neste contexto Avens (1993) afirma que o adjetivo “imaginal” vem de Henry Corbain, um estudioso francês islâmico, e o mundo imaginal funciona como um intermediário entre o mundo sensível e o mundo inteligível. Argumentando contra a equação do imaginário como irreal, enfatiza que na tradição islâmica, o *mundus imaginalis*, é um fenômeno primordial, e ontologicamente não é menos real do que a realidade física, de um lado e a realidade espiritual ou intelectual, de outro..

Jung compreende todo o processo psíquico como uma imagem e um imaginar. Hillman (1988) afirma que a fonte de imagens – imagens oníricas, imagens de fantasia, imagens poéticas – é a atividade autogeradora da própria alma. Neste artigo estamos usando imagem como definida na psicologia arquetípica, não se referindo a uma imagem posterior, resultado de sensações e percepções mas como um dado psicológico primário. Uma imagem é dada pela perspectiva imaginativa e só pode ser percebida pelo ato de imaginar

Conforme Hillman, a abordagem da imagem pode fazer sentidos diferentes dependendo do analista, sem que nenhuma delas possa ser considerada errada. Para Jung atividade fundamental que caracteriza a alma, ou psique, é imaginar (Barcellos, 2012,). Desta forma, viver psicologicamente significa imaginar coisas.

Imagem e significado são idênticos Assim, ficar na imagem, trabalhar a imagem, “grudar” na imagem como sugere Hillman em seu texto Sentido da Imagem (1979), é fundamental na medida em que a imagem não tem qualquer linguagem que lhe seja própria. Para ele a linguagem da poesia e os termos técnicos de cada arte estão apenas tenuemente conectados à imaginação, tal como ela se apresenta em imagens. Assim, uma imagem não é o que se vê, mas o modo como se vê.

A psique cria realidade a todo momento. Barcellos (2012) afirma que a imagem – em sonhos, nas fantasias, na arte, no mito – é o dado psicológico primário e são único meio pelo qual toda a experiência se torna possível. A imagem, dessa forma é o único dado ao qual há acesso direto, imediato.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Jung afirmava que para cada paciente devemos usar um método diferente, que cada um deve ser tratado de forma individual e que duvidava do terapeuta que afirmasse utilizar um método único, na medida em que cada ser humano precisava de uma solução pessoal (2009). Podemos pensar que com cada paciente a construção de uma obra diferente.

Em psicoterapia a psique deve ser cuidada da mesma forma como construímos obras de arte, de forma única, singular, dando forma aos conteúdos apresentados esteticamente. Sonhos, fantasias podem ser entendidas como semelhantes a poemas. Jung pressupõe uma base poética para a psique, o que quer dizer que a psique, a alma, em seus níveis mais profundos e primários, comporta-se e expressa-se de modo poético, ou seja, com procedimentos, lógica e raciocínios semelhantes aos que encontramos na arte poética: analogia, metaforização, síntese, emoção ..

A abordagem do sonho, da imagem da psique necessita de uma atitude artística do analista para que este possa realizar seu trabalho. Para o terapeuta, a exposição a arte vai trazer uma percepção metafórica necessária ao exercício da prática profissional. Conforme Barcellos (2004) a palavra, a pintura, a escultura, nutrem um modelo de psicoterapia que certamente se beneficia muito mais de

absorver as metáforas dos processos artísticos, do que dos processos científicos. Se como terapeuta pudermos observar os artistas trabalhando, como o escultor esculpe, como o pianista toca, como o pintor pinta, como a bailarina dança as metáforas que entram nos processos criativos da arte informarão, nutrirão, muito mais o trabalho do psicoterapeuta do que os processos e as metáforas da ciência, sem dúvida nenhuma. Para que possamos entender o segundo sentido presente na alma de nossos pacientes precisamos deste viés artístico que nos tira do literal. Cada imagem com suas qualidades específicas vai provocar metáforas individuais. Dessa forma, Hillman afirma que devemos ficar na precisão da imagem. A imagem, com sua delimitação, com sua particularidade vai se apresentar de maneira individual. Outra imagem, outra metáfora porque outra qualidade. Assim, cada dupla analista- paciente, alma – alma, vai construir sua obra particular, única, singular e, portanto, irreprodutível.

Como afirmou Jung, isto é apenas um ponto de vista e seria violência tornar um ponto de vista uma verdade obrigatória, mesmo em termos de pretensão.

No mesmo Volume XV das obras completas, na pág. 74, encontramos:

“É uma particularidade da alma ser não apenas mãe e origem de toda ação humana, como também expressar-se em todas as formas e atividades do espírito; não podemos encontrar em parte alguma a essência da alma em si mesma, mas somente percebê-la e compreendê-la em suas múltiplas formas de manifestação. Por isso, o psicólogo, é obrigado a adentrar em vários domínios, deixando o castelo seguro de sua especialidade; e isto, não como pretensão ou diletantismo, mas por amor ao conhecimento, em busca da verdade. Ele não conseguirá limitar a alma à estreiteza do laboratório e do consultório médico; deverá persegui-la em domínios talvez estranhos a ele, onde quer que ela atue de modo evidente.”

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lucia de A.; MARTINS, Maria Helena P. *Filosofando. Introdução à Filosofia*. Belo Horizonte: Editora Moderna, 2000.

AVENS, Robert. *Imaginação é realidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.

BARCELLOS, Gustavo. *Jung, junguianos e arte: uma breve apreciação*. Pro-Posições. v. 15, n. 1 (43) - jan./abr. 2004
_____. *Psique e Imagem. Estudos de Psicologia Arquetípica*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2012.

BOHM, David. *Sobre a Criatividade*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011

JUNG, Carl Gustav. *O espírito na arte e na ciência*. Vol. XV. Petrópolis: Vozes, 1922/2009

HILLMAN, James. *Psicologia Arquetípica. Um breve relato*. São Paulo; Ed. Cultrix, 1988.

_____. *O Mito da Análise*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

_____. *O sentido da imagem*. Apostila de Grupo de Estudos. 1979.

PLAZA, Julio. *Arte/Ciência. Uma consciência*. Acessado em : 15/05/2013 .
<http://www.eca.usp.br/cap/ars1/arteci%C3%A7%C3%A3o.pdf>